

MANUSCRITOS DA FÉ SOB UMA LUPA: ASPECTOS DA BIBLIOGRAFIA MATERIAL FACE AOS LIVROS DE HORAS DA FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL (BRASIL)¹

Juliana Fernanda Colaço de Lima

Bacharela em Biblioteconomia e
Gestão de Unidades de Informação. Universidade
Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de
Janeiro, Brasil.
julianafernanda314@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-2654-6146>

Andre Vieira de Freitas Araujo

Doutor em Ciência da Informação. Universidade
Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.
armarius.araujo@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-3003-7424>

Diná Marques Pereira Araújo

Doutora em Educação em Ciências.
Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte,
Minas Gerais, Brasil.
dina.ufmg@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-8251-255X>

RESUMO

A Bibliografia Material tem como propósito primeiro o estudo da materialidade do livro. Esta pesquisa tem o objetivo de apresentar e indicar alguns dos aspectos da Bibliografia Material face aos Livros de Horas da Fundação Biblioteca Nacional (Brasil). Para tanto, foi realizada revisão de literatura da temática Bibliografia Material e o mapeamento e a apresentação de alguns instrumentos de pesquisa que se ocuparam da representação da Coleção de Livros de Horas. Considera-se que a Bibliografia Material contribui para as análises dos elementos que contornam os Livros de Horas da Fundação Biblioteca Nacional (Brasil): a) elementos da História do Livro (na sua dimensão social e cultural); b) elementos da produção do livro; c) elementos referentes à descrição dos aspectos gráficos e materiais da edição; d) elementos referentes à descrição dos aspectos formais do exemplar. Conclui-se que a metodologia de estudos (análise e descrição) da Bibliografia Material são também relevantes para os estudos dos documentos manuscritos e podem ser associados às metodologias da Codicologia com o objetivo de expandir as perspectivas de estudos dos documentos gráficos, em especial no campo da Biblioteconomia brasileira.

Palavras-chave: Bibliografia Material. Livros de Horas. Descrição bibliográfica. Fundação Biblioteca Nacional (Brasil).

MANUSCRIPTS OF FAITH UNDER A MAGNIFYING GLASS: ASPECTS OF MATERIAL BIBLIOGRAPHY IN THE FACE OF THE BOOKS OF HOURS OF THE FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL (BRAZIL)

ABSTRACT

The Material Bibliography has as its primary purpose the study of the materiality of the book. This research aims to present and indicate some of the aspects of the Material Bibliography in the face of the Books of Hours of the National Library Foundation (Brazil). For this purpose, a literature review of the theme Material Bibliography was carried out, and the mapping and presentation of some research instruments that dealt with the representation of the Books of Hours Collection was performed. It is considered that the Material Bibliography contributes to the analyses of the elements that surround the Books of Hours of the Fundação Biblioteca Nacional (Brazil): a) elements of the History of the Book (in its social and cultural dimension); b) elements of the production of the book; c) elements regarding the description of the graphic and material aspects of the edition; d) elements regarding the description of the formal aspects of the copy. It is concluded that the methodology of studies (analysis and description) of the Material Bibliography are also relevant for the studies of manuscript documents and can be associated with the methodologies of Codicology in order to expand the perspectives of studies of graphic documents, especially in the field of Brazilian Librarianship.

Keywords: Material Bibliography. Books of Hours. Bibliographic description. Fundação Biblioteca Nacional (Brazil).

Recebido em: 05/01/2021

Aceito em: 21/12/2021

Publicado em: 11/04/2022

¹ Este texto é uma versão revisada, ampliada e modificada do trabalho final de conclusão de curso de Lima (2020).

1 INTRODUÇÃO

A Bibliografia é constituída por aspectos teóricos e instrumentais, direcionados à mediação entre aquilo que as ciências produzem em termos documentais e os indivíduos. “Desde o início, o objetivo da Bibliografia foi criar uma ordem significativa entre os registros da experiência humana.” (HARMON, 1981, p. 4, tradução nossa). Enquanto disciplina, a Bibliografia é caracterizada por múltiplas abordagens², das quais inclui uma vertente voltada para a materialidade do livro, denominada de Bibliografia Material.

O presente estudo parte do princípio de que as práticas da Bibliografia são anteriores ao período moderno (CAPACCIONI, 2006; CRIPPA, 2015) e ressalta a importância da Bibliografia Material e de seus métodos para a análise e descrição das características intrínsecas e extrínsecas do livro – enfoque que aqui será direcionado para os manuscritos medievais.

A partir desta vertente, este estudo tem como objetivo apresentar e indicar alguns aspectos da Bibliografia Material face aos Livros de Horas da Fundação Biblioteca Nacional (FBN), Brasil. Os livros de horas são manuscritos que foram produzidos no contexto do Cristianismo durante a Idade Média e que se caracterizam por serem objetos preciosos por seu sentido material, temático e por seus valores culturais e patrimoniais.

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa foi realizada a partir da revisão de literatura da temática Bibliografia Material (BOWERS, 1962; GASKELL, 1999; HARMON, 1981) e do mapeamento e da apresentação de alguns instrumentos de pesquisa que se ocuparam da representação da Coleção de Livros de Horas da FBN (BNDIGITAL, 2020; FAILLACE, 2016; MANUSCRITOS..., 1973).

A questão que sustenta este estudo é: quais são alguns dos aspectos da Bibliografia Material que podem contribuir para os estudos (análises e descrição) dos Livros Horas da Fundação Biblioteca Nacional no Brasil?

Tradicionalmente, e de adoção mais recorrente, a análise e a descrição de manuscritos têm como disciplina instrumental a Codicologia, enquanto o mesmo gesto, quando aplicado aos impressos, fundamenta-se na Bibliografia Material³. A Bibliografia também se dedica

² Para além de suas múltiplas abordagens na contemporaneidade, a Bibliografia, enquanto disciplina, ocupa importante posição na longa história da concepção e da produção de instrumentos de organização da informação, incluindo aqueles desenvolvidos no âmbito da representação descritiva e temática. Vale ressaltar que a Bibliografia foi a primeira disciplina inteiramente dedicada aos problemas e soluções do domínio da organização da informação e do conhecimento, criando bases históricas e epistemológicas para este campo. Para estudo aprofundado sobre a temática, conferir a monumental obra *Storia della Bibliografia* de Alfredo Serrai (1988-2001).

³ Tal formulação não é definitiva e aponta para os princípios das referidas disciplinas. Isto não significa que não ocorram desvios e deslocamentos do ponto de vista da aplicação destes princípios na prática documental.

às análises da fisicalidade dos documentos, sua vertente mais focada na arqueologia do livro é a Bibliografia Material.

As metodologias de análise, estabelecidas pelos bibliógrafos anglo-saxões, no final do Séc. XIX e início do XX, constituem-se em uma rica contribuição instrumental para análises de documentos gráficos, por sua riqueza de detalhamento de processos de produção e, sobretudo, pelos fundamentos histórico-culturais que sustentam os estudos da produção dos documentos gráficos. Nesse sentido, sem desconsiderar o horizonte da Codicologia, esta pesquisa tem o intuito de vincular, de forma indicativa e preliminar, em que medida a Bibliografia Material pode também abarcar documentos manuscritos, notadamente aqueles originários do Medievo. Tal intuito, vai diretamente ao encontro da amplitude documental que pode fazer parte do trabalho do bibliógrafo, como afirma Gaskell (1995):

Todos os documentos, manuscritos e impressos, são da província do bibliógrafo; e pode-se acrescentar que os objetivos e procedimentos da bibliografia se aplicam não apenas a livros escritos e impressos, mas também a qualquer documento, disco, fita ou filme em que a reprodução esteja envolvida e que possam resultar em versões variantes. (GASKELL, 1995, p. 1, tradução nossa).

A partir de Gaskell (1995), vislumbramos as análises e descrição dos Livros de Horas da Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), a partir dos princípios da Bibliografia Material sem a intenção de sobreposição ou de comparação com a Codicologia⁴.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O campo escolhido para a pesquisa foi o teórico, inferindo-se assim que a pesquisa será focada em informações de aspectos históricos e conceituais obtidos por meio de revisão da literatura. Dessa forma, foram consultados livros, artigos científicos, dicionários e bases de dados. Esta pesquisa possui também um caráter instrumental, tendo os Livros de Horas da Fundação Biblioteca Nacional (Brasil) como seu objeto e fonte.

Para a coleta de dados, esta pesquisa foi baseada em leitura exaustiva das fontes devidamente referenciadas onde tentou-se obter as informações mais importantes para cada questão ressaltada. Para a obtenção do material, foi utilizado o Google Acadêmico buscando temáticas que envolvessem Ciência da Informação, História do Livro, Bibliografia, Bibliografia Material e Codicologia.

⁴ Sobre o estudo da Codicologia e descrição codicológica, ver: RUÍZ GARCÍA (1992); DO MONTE (2009).

Foi realizada a consulta ao site do LATHIMM⁵, para o acesso à produção bibliográfica sobre estudos de manuscritos medievais, consulta à revista SIGNUM da ABREM⁶, para a busca de artigos científicos sobre Idade Média, consulta aos periódicos do Portal da CAPES, utilizando as palavras-chave “Manuscritos Medievais”, “Livros de Horas”, “Bibliografia”, “Bibliografia Material”, “Codicologia” e a consulta ao acervo digital da biblioteca OPEN LIBRARY⁷. Além disso, foi feita a análise do Catálogo de Manuscritos de 1973, do Catálogo de Livros de Horas de 2016, e do Registro Bibliográfico da Coleção de Livros de Horas da Fundação Biblioteca Nacional (Brasil). Todos estes catálogos e registros, encontram-se disponíveis no site da BNDIGITAL⁸, juntamente com suas imagens digitalizadas e disponibilizadas nesta base de dados.

Diversos autores nacionais e estrangeiros foram analisados para compor o referencial teórico desta pesquisa, sendo grande parte da década de 1980 e 1990, destacando-se como um período importante de publicações sobre a Bibliografia e suas vertentes. Com base na temática desta pesquisa, a ênfase recaiu sobre obras e autores da Bibliografia Material, notadamente *Nueva Introducción a la Bibliografía Material* de Phillip Gaskell (1999), *Principles of Bibliographical Description* de Fredson Bowers (1962) e *Elements of bibliography: a simplified approach* de Robert Bartlett Harmon (1981). Além disso, destacam-se os seguintes instrumentos de pesquisa também utilizados: *Manuscritos, Séc. XII-XVIII: pergaminhos iluminados e documentos preciosos* da Fundação Biblioteca Nacional (MANUSCRITOS..., 1973); *Catálogo dos Livros de Horas da Biblioteca Nacional do Brasil* de Vera Lúcia Miranda Faillace (FAILLACE, 2016), e o *Registro do Livro de Horas, uso de Auxerre (1480 e 1490)* na Base de Dados (BNDIGITAL, 2020).

3 ABORDAGEM BIBLIOGRÁFICA

Dentre as múltiplas vozes da Bibliografia, destacamos aqui as que estão relacionadas com o estudo do livro enquanto objeto gráfico indissociável de suas materialidades. Para Araujo (2018) e Harmon (1981), a Bibliografia enquanto resultado dos métodos de organização

⁵ LATHIMM é a sigla para do Laboratório de Teoria e História das Mídias Medievais. Disponível em: <<http://lathimm.fflch.usp.br/>>

⁶ *Signum* é o nome da Revista da ABREM (Associação Brasileira de Estudos Medievais). Disponível em: <<http://www.abrem.org.br/revistas/index.php/signum>>

⁷ OPEN LIBRARY é uma Biblioteca Aberta fruto de uma iniciativa do *Internet Archive*, uma organização sem fins lucrativos, construindo uma biblioteca digital de sites da Internet e outros artefatos culturais em formato digital. (OPEN LIBRARY, 2020, online). Disponível em: <<https://openlibrary.org/>>.

⁸ BNDIGITAL é uma base da Fundação Biblioteca Nacional (Brasil) que reúne, preserva e disponibiliza documentos por meio da digitalização em domínio público via internet. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/acervodigital/>>.

do conhecimento, pode ser qualquer meio de descrição bibliográfica como também pode ser o próprio registro. Ou seja, a Bibliografia é tanto um método quanto um produto.

Para Faria e Pericão (2008), a etimologia do termo bibliografia, de origem grega, é *biblion*, que significa livro, e *graphein*, que significa escrever. Primeiramente, o termo bibliografia foi utilizado no sentido do *ato de escrever* e, posteriormente, passou a significar *escrever sobre livros*. Outro conceito trazido por Harmon (1981) nos revela que a Bibliografia foi originalmente definida como a escrita mecânica e a transcrição de livros, mas não sua construção. Além disso, posteriormente, foi incluída a *composição*.

Esse significado persistiu até o século XVIII, quando na França seu significado mudou da “escrita de livros” para a “escrita sobre livros”. Esse novo conceito não demorou muito para ser aceito em toda a França e, como é óbvio, em países como a Alemanha e a Inglaterra. Hoje, o estudo da Bibliografia está relacionado com outro veículo de ideias, além de livros. Microformas, filmes, gravações, fitas de vídeo e outros objetos podem ser estudados bibliograficamente. (HARMON, 1981, p. 2, tradução nossa).

A Bibliografia pode ser associada ao tratamento de outros tipos de documentos, para além dos livros. Sendo constituída por teorias e práticas ligadas à organização da informação é importante frisar suas funções no âmbito disciplinar. Segundo Araujo (2018), a Bibliografia tem diversas funções:

A palavra bibliografia indica a disciplina (Bibliografia), seu objeto de estudo (ligado às teorias e aos métodos de produção de repertórios, esquemas classificatórios, métodos de indexação, aspectos de fisicalidade dos documentos, etc.) e o resultado dos processos documentários (listas/repertórios). (ARAUJO, 2018, p. 33).

Também interessada nas formas materiais dos documentos, a Bibliografia “[...] é a disciplina que estuda textos enquanto formas registradas e os processos de sua transmissão, incluindo sua produção e recepção.” (MCKENZIE, 2018, p. 25). McKenzie (2018) demonstra que a Bibliografia está preocupada não somente com os processos técnicos dos documentos, mas também com os processos sociais de sua transmissão.

3.1 Vertentes e tipologias

Muitas são as vertentes e tipologias atribuídas à Bibliografia que receberam e recebem contribuições de teóricos e de correntes diversas, provenientes da Itália, Inglaterra, Espanha, França e Estados Unidos. A corrente representada por Bowers (1962), em seu livro *Principles of bibliographical description*, mostra que a Bibliografia apresenta duas grandes vertentes:

- a) Bibliografia Enumerativa;
- b) Bibliografia Analítica.

O autor destaca que a Bibliografia Enumerativa se ocupa da construção de listas de documentos sobre determinado assunto. Já a Bibliografia Analítica investiga a técnica acerca da impressão de livros e se baseia na evidência física dos próprios documentos.

A Bibliografia Analítica se baseia em duas tipologias: a *Descritiva*⁹, que registra os detalhes bibliográficos de um documento que foi investigado por meio do processo analítico das marcas encontradas e ao *Textual* ou chamada de *Crítica*, que se ocupa da análise do significado de um escrito e sua representação em outros tipos de textos. É, portanto, “[...] a função básica de uma *Bibliografia Descritiva* apresentar todas as evidências sobre um livro que podem ser determinadas pela *Bibliografia Analítica* aplicada a um objeto material.” (BOWERS, 1962, p. 34).

Na mesma perspectiva, outro autor que categoriza a Bibliografia é Roy Stokes (1982). Em *The function of Bibliography*, Stokes (1982) discute algumas faces do campo, a saber:

- a) Bibliografia Enumerativa ou Sistemática;
- b) Bibliografia Analítica ou Crítica;
- c) Bibliografia Descritiva;
- d) Bibliografia Textual;
- e) Bibliografia Histórica.

Segundo Stokes (1982), a Bibliografia Enumerativa é a de mais fácil compreensão.

É uma lista direta de livros sem a sobrecarga de muitos detalhes. Tendo coletado o material, a importância de sua sistematização se torna óbvia e essa área da Bibliografia às vezes é tão felizmente chamada de *Sistemática* quanto *Enumerativa*. Uma vez que sua função geral é clara, a lista dos detalhes bibliográficos destacados sobre um grupo particular de livros que têm algum tipo de característica coordenadora. (STOKES, 1982, p. 1, tradução nossa).

Já a Bibliografia Analítica ou Crítica trabalha com o livro enquanto objeto tangível do ponto de vista das artes do livro ou de sua eficiência como uma ferramenta para transmissão de mensagens. (STOKES, 1982). Ou seja, é um conceito que se assemelha ao de Bowers (1962), em que o foco do estudo está nas características intrínsecas e extrínsecas do livro.

Segundo Bowers (1962), a Bibliografia Descritiva é um desenvolvimento, ou estágio adicional da evolução, da lista manual do Catálogo e, portanto, compartilhará alguns dos problemas

⁹ Também conhecida como *Bibliografia Analítica, Descritiva ou Material*.

discutidos em conexão com a Bibliografia Enumerativa ou Sistemática. Sendo assim, a “[...] descrição de um item é um passo lógico a seguir na análise completa de um livro e na solução de seus problemas bibliográficos.” (STOKES, 1982, p. 1, tradução nossa).

Por fim, temos duas tipologias trazidas por Stokes (1982) que são: a Bibliografia Textual, que está relacionada com outras disciplinas, a exemplo da Crítica Literária e Edição Textual e a Bibliografia Histórica, que é uma área ordenadamente circunscrita, dedicada à História do Livro. Essas tipologias associam-se à análise de todo processo de transmissão de um texto existente com a intenção também de transcrever fielmente o documento original.

4 BIBLIOGRAFIA MATERIAL

A Bibliografia Material, primordialmente, estuda o livro a partir de uma perspectiva holística na qual não dissocia textos, materialidades e técnicas de produções gráficas para a compreensão da história da edição, do livro e da escrita. Em outras palavras, ela não adota uma visão dicotômica do livro na qual há a oposição: conteúdo *versus* materialidade. Pelo contrário, para a Bibliografia Material não há hierarquia de importância entre conteúdo (alma) e fisicalidade (corpo) nos documentos gráficos, pois ambas as esferas estão em níveis de igualdade e são importantes para se alcançar dois objetivos dos estudos da materialidade: 1) decifrar as trajetórias de elaboração sociocultural dos textos em sua dimensão física, enquanto objeto gráfico; e, ainda, 2) compreender como matéria e forma determinam a construção de sentido dos textos pelos leitores – essa última acepção defendida McKenzie (2018) e, posterior e amplamente, adotada pelos historiadores do livro e da leitura a partir da década de 1960, dentre eles Roger Chartier e Robert Darnton.

A obra *An Introduction to Bibliography for Literary Students*, de Ronald B. McKerrow (1927), representa a primeira tentativa geral de examinar o uso de materiais e de métodos de impressão de textos e relacioná-los com o texto dos manuscritos dos autores. Com objetivo de estabelecer comparações entre o manuscrito do autor com a cópia impressa do texto, e ainda analisar a cópia impressa ideal e com edições posteriores – em ambos os casos, para identificação de mudanças e adições no texto, com vistas aos estudos filológicos e de crítica textual. (HARMON, 1981).

A citada obra de McKerrow (1927) inaugura a disciplina chamada *Nova Bibliografia*. Posteriormente à sua criação, a disciplina foi reconhecida como parte do campo da Bibliografia Analítica ou Crítica que floresceu principalmente na Grã-Bretanha durante os primeiros anos do Séc. XX, com obras e escritos de bibliógrafos conhecidos como Sir Walter Wilson Greg, Alfred

William Pollard e Ronald Brunlees Mckerrow (HARMON, 1981). Com o avanço das práticas científicas e técnicas da Bibliografia, os novos métodos de identificação e de transmissão de textos foram identificados como uma das vozes do campo bibliográfico e denominados como Bibliografia Material (REYES GÓMEZ, 2010).

O que podemos observar de comum na produção desses bibliógrafos pode ser sintetizado na frase de Walter Wilson Greg “[...] livros são meios materiais pelos quais a literatura é transmitida; portanto, a Bibliografia, o estudo dos livros, é essencialmente a ciência da transmissão dos documentos literários”. (GREG, 1932, p. 113 *apud* ARAÚJO; REIS, 2016, p. 194). Para definição mais precisa de uma *Nova Bibliografia* o autor afirmava:

Para evitar ambiguidades vou definir a “Bibliografia” como o estudo dos livros como objetos materiais [...] A qualificação é importante. É uma espécie de cláusula filioque dirigida contra uma heresia particular; [...] porque Bibliografia não tem nada a ver com o assunto ou conteúdo literário de um livro. (GREG, 1945, não paginado, *apud* ARAÚJO; REIS, 2016, p. 194).

Em seus textos, o autor não estava ignorando o assunto ou conteúdo de um documento gráfico, mas, sim, destacando que o gesto bibliográfico da Nova Bibliografia era a abordagem do livro na perspectiva da materialidade e todos os sentidos que são percebidos e podem ser documentados a partir dela. Para defender tal afirmação Greg (1932, 1945) fundamentava-se nos métodos elaborados pela nova disciplina, dos quais sua contribuição passou também pela elaboração de: “um formulário de colação para padronização de descrição dos livros, com objetivo de oferecer consistência e organização aos processos de análise” (ARAÚJO & REIS, 2016, p. 194).

Por volta de meados do Séc. XX, a atividade de descrição nesta área do estudo bibliográfico teve um grande impacto com a publicação de Fredson Bowers: *Principles of Bibliographical Description* (1949), que foi seguida por outras publicações oriundas de estudos subsequentes. Nos anos seguintes, vários novos trabalhos de outros pesquisadores foram publicados, dos quais o mais notável é o de Philip Gaskell com *New Introduction to Bibliography*¹⁰ (HARMON, 1981).

Gaskell (1999), em seu livro *Nueva Introducción a la Bibliografía Material*, se assemelha muito ao trabalho de R.B. McKerrow ao estudar a história e produção do livro para a descrição. Entretanto, além de analisar os aspectos físicos do livro como o suporte, analisa suas formas de apresentação (como a encadernação), os estudos do texto relacionados à crítica textual e, ainda, as abordagens sobre o mercado editorial. Para Gaskell (1999) as investigações bibliográficas

¹⁰ A primeira publicação em inglês desta obra de Phillip Gaskell é de 1974. Em língua espanhola, a obra teve uma edição em 1999. Ver Gaskell (1974, 1999).

(analítica e descritiva) serviam como meio para identificar exemplares de uma mesma obra, sobre o que versam e avaliar sua categoria.

A Bibliografia Material, segundo Varry (2011), foi um termo sugerido também em 1966 por Roger Laufer, no *Australian Journal of French Studies*, como equivalente à expressão em inglês *Physical Bibliography*, para renovar uma ciência auxiliar desenvolvida no mundo anglo-saxão desde o final do Séc. XIX. A partir do texto de Varry, podemos refletir sobre as retro-influências dos campos da História do Livro, História da Edição e a Crítica Literária com os interesses e com as discussões que são transversais e ao mesmo tempo similares à Bibliografia Material.

Em termos de herança, o perfil historiográfico da História do Livro é atravessado também pela cultura bibliográfica. No Séc. XX, por exemplo, o contato com a Bibliografia Material anglo-saxã foi adotada por historiadores, enquanto metodologia, para compreensão dos aspectos materiais, simbólicos e culturais da produção dos documentos gráficos – dentre estes Roger Chartier e Robert Darnton. Tais contextos foram abordados por Belo (2013) ao destacar que:

Além das origens da imprensa a História do Livro de raiz bibliográfica interessou-se pela minuciosa identificação e pela descrição das edições dos autores consagrados de cada tradição literária. Acumulando informação sobre todas as matérias-primas e atividades práticas relacionadas com a edição antiga (da fundição dos caracteres à impressão, passando pela composição ou pelo fabrico do papel). (BELO, 2013, p. 43).

As permanências da Bibliografia Material podem ser observadas também nas duas primeiras décadas do Séc. XXI, a partir da citação das obras de Philip Gaskell (1995) e Donald F. McKenzie (2018), dentre outras do campo, como fundamento teórico em investigações sobre História do Livro, Edição, Bibliografia e Biblioteconomia¹¹ – inclusive no contexto da produção gráfica digital.

5 O LIVRO DE HORAS

A cultura escrita no Medievo europeu exerceu um papel fundamental para o cristianismo não somente na conformação, expansão e sustentação de sua estrutura de poder, mas também na formação de bibliotecas monumentais; na preservação de manuscritos da antiguidade e da era cristã; nas práticas da escrita; e na excelência das práticas da produção *libraria* – tradicionalmente estabelecidas a partir do *scriptorium*¹² cristão.

¹¹ Algumas dessas investigações podem ser identificadas em: Chartier (2007); Clement San Roman, Reyes Gomez (2003); Darnton (2010); Kirsop (2002); Pedraza Garcia, Reyes Gomez (2005, 2010); Ribeiro (2017); Varry (2011).

¹² O *scriptorium* era o local onde se produziam os livros – da feitura do suporte em pergaminho, da produção de instrumentos e materiais para a escrita, do estabelecimento das técnicas de escrita, da decoração e à produção

O livro na Idade Média esteve presente na vida religiosa, erudita e cultural da sociedade. Contudo, quando observado a partir da perspectiva daqueles que tinham acesso aos seus meios de produção, circulação e uso, o livro foi objeto de posse de uma pequena parcela da sociedade. No contexto cristão, a sua presença é inegável enquanto objeto de e para a devoção e para a difusão das práticas religiosas. O Livro de Horas é um exemplo marcante de objeto gráfico que exercia tais funções.

Do final do Séc. XIII até o início do Séc. XVI, o Livro de Horas se tornou um manuscrito muito requisitado. Era um objeto de devoção pessoal ricamente ornamentado e ilustrado e se destacava enquanto uma categoria de livro devocional ou, mais precisamente, pertencia: “[...] a uma coletânea de textos devocionais para “leigos” da Idade Média.” (WIECK, 2001, p. 27, tradução nossa). Em termos específicos:

Os livros de horas [eram] uma coletânea devocional de ofícios e de orações com base nas oito horas canônicas que eram anunciadas com o som dos sinos das igrejas, mosteiros e conventos, e também anunciadas no calendário de 12 meses, que variava em festividades de acordo com a região da qual procedia ou para onde era direcionado. (SALGADO RUELAS; SALDAÑA TORRES, 2016, p. 26, tradução nossa).

Do ponto de vista textual, o Livro de Horas era constituído por calendários, lições do Evangelho, orações dedicadas à Virgem Maria, dentre elas, as Horas da Virgem ou Pequeno Ofício da Abençoada Virgem Maria. O uso do Livro de Horas permitiu, à sociedade devota do Medievo, inclusive aos leigos, a aproximação com a palavra de Deus.

Segundo Fischer (2006), a percepção que se tem sobre o Livro de Horas como um livro de preces acabou tornando-o muito usual por nobres ricos ou patrícios e damas no Séc. XIII, mantendo uma destacada popularidade até o Séc. XVI como fonte de devoção pessoal e de meditação. Além disso, ele tornou-se mais popular entre os leigos, que praticavam sua fé de uma forma mais particular e ativa através de um tipo de recurso muito utilizado na Idade Média e que o Livro de Horas fornecia: a leitura das imagens. Wieck (2001) aponta que alguns desses elementos, que contribuíram sobremaneira para os usos do Livro de Horas pelos leigos, foram as iluminuras, miniaturas e letras capitulares – que atuavam também como um dos modos de incentivo para a sociedade perpetuar, reconhecer e participar das práticas religiosas.

de encadernações. Nesse espaço também se faziam “[...] cópia manuscrita de livros e iluminuras, se preparavam os cadernos para serem entregues aos escribas e iluministas e se procedia à raspagem dos palimpsestos – peças de pergaminho já utilizadas.” (FARIA & PERICÃO, 2008, p. 655). A expressão “*scriptorium* cristão” é abordada por Ruiz Garcia (2002) para delimitar o espaço e o contexto cristão desse tipo de *scriptorium* no medievo, também chamado de *scriptorium* monástico por Faria & Pericão (2008). A diferenciação faz-se necessária, sobretudo por, durante o grande período medieval, terem sido formados também os *scriptoria* nas universidades e nos palácios reais.

Os Livros de Horas manuscritos sobre pergaminho eram compostos por bifólios, ou seja, conjuntos de “[...] folhas dobradas, encartadas umas dentro das outras e eventualmente costuradas através de sua dobra central” (DE HAMEL, 1992, p. 39, tradução nossa). Nascidos a partir do contexto do *scriptorium* cristão, mas também produzidos por artífices do livro não vinculados à Igreja, em um primeiro momento, os Livros de Horas foram predominantemente manuscritos. No fim da Idade Média, conforme Dondi (2016), surgiram suas versões impressas, o que não ocasionou na substituição de suas produções manuscritas. Esses objetos gráficos, produtos da herança religiosa cristã, foram produzidos, conforme Wieck (2001), mais do que qualquer outro tipo de livro, incluindo a Bíblia.

A presença de Livros de Horas no acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Brasil) está relacionada com a chegada da família Real portuguesa no Brasil, em 1808, e, conseqüente e posteriormente, com a chegada da *Bibliotheca Real* portuguesa.

A *Bibliotheca Real* chegou no Brasil a partir da fuga da monarquia portuguesa para os trópicos motivada, sobretudo, por complicações políticas entre Portugal, Inglaterra e França, que culminaram na invasão dos franceses em Portugal. Em terras brasileiras, a instalação da família real em sua colônia exigiu o aparelhamento do Estado para os fazeres do Reino. Assim, Dom João VI (1767-1826) determinou a instalação da Justiça, da Fazenda, da Imprensa, da impressão, dentre outros¹³. A *Bibliotheca Real* portuguesa chegou um tempo depois e foi parte integrante do aparato de poder da monarquia. A história de sua formação remonta à ideia de se destacar a distinção e o poder dos monarcas, associando biblioteca e poder do Estado. A biblioteca dos reis de Portugal teve seu auge nos tempos de Dom João V (1689-1750), mas foi destruída no terremoto de 1755. Entretanto, o ideal de biblioteca patrimonial foi reavivado por D. José I (1714-1777), sobretudo, com seu ministro Marquês de Pombal (1699-1782), que, dentre suas funções, assumiu a reconstrução da *Bibliotheca Real* portuguesa. Do crescimento de sua imponente *bibliográfica*, enquanto capital simbólico do Estado com Pombal, aos descasos do reinado de D. Maria I (1734-1816) e, enfim, sua vinda para o Brasil após a chegada de D. João VI (1767-1826), a *Bibliotheca Real* portuguesa acumulou riquezas iconográficas, cartográficas, bibliográficas e documentais, manuscritas e impressas, que a distinguiu como um dos acervos mais ricos da Europa em seu tempo. Com o retorno de D. João VI para Portugal, a *Bibliotheca Real*, com seu simbólico acervo, atuou novamente como ferramenta de poder e permaneceu em terras brasileiras (SCHWARCZ, 2006). Essa biblioteca constituiu-se no acervo fundador da Biblioteca Nacional

¹³ Dentre os aparatos criados pela monarquia portuguesa no Brasil, no período, destacam-se também a Real Academia de Belas Artes, o Museu Real, a Academia Real Militar e o Real Porto.

brasileira, dentre suas preciosidades estão os Livros de Horas da pesquisa de Faillace (2016) que fazem parte deste estudo.

Faillace (2016, p. 61) cita que os “livros de horas da Biblioteca Nacional, ainda pouco estudados, integram a coleção dos manuscritos iluminados da Divisão de Manuscritos.” Tendo em vista a história de constituição da *Bibliotheca Real* portuguesa, sua estrutura formativa era composta por “dois acervos: a Real Biblioteca e a Livraria do Infantado” (Schwarcz, 2006, p.15) – que correspondia, respectivamente, aos acervos dos monarcas e ao acervo dedicado à educação dos príncipes. Pelo exposto, os livros selecionados para a pesquisa fazem parte dessas duas faces da *Bibliotheca Real*, que são: (a) quatro Livros de Horas com o carimbo da *Biblioteca Real Portuguesa*: os manuscritos, 50,1,001¹⁴ (uso de Sarum); 50,1,016 (uso de Paris); 50,1,019 (uso de Rouen) e 50,1,022 (uso de Rouen). E também (b) quatro Livros de Horas da *Livraria do Infantado*: os manuscritos, 50,1,010 (uso de Roma); 50,1,020 (uso de Roma); 50,1,023(uso de Auxerre) e 50,1,028 (uso de Roma). Este conjunto representa o objeto central de nosso estudo para as reflexões sobre as contribuições dos princípios da Bibliografia Material na representação descritiva de manuscritos, especificamente dos Livros de Horas da FBN.

6 POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES DA BIBLIOGRAFIA MATERIAL AOS ESTUDOS DOS LIVROS DE HORAS DA FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL (BRASIL)

Como vimos, a Bibliografia Material tem o intuito de nos fornecer subsídios para a análise e a descrição de documentos gráficos. Ao examinar um livro, por exemplo, em todos os seus aspectos, a disciplina visa:

- (1) fornecer, pormenorizadamente, um registro analítico das características físicas de um livro que serve simultaneamente como uma fonte confiável de identificação e como um meio de apresentar o livro, ausente, diante dos olhos do leitor;
- (2) prover uma investigação analítica e um arranjo ordenado desses fatos físicos que servem como pré-requisito para a crítica textual dos livros descritos;
- (3) abordar conjuntamente literatura e impressão ou a história da edição, através da investigação e registro de detalhes correspondentes a uma série de livros relacionados. (BOWERS, 1962, p. vii, *apud* ARAÚJO; REIS, 2016, p. 196).

Todavia, o presente trabalho, de forma subjacente, permite um enlace¹⁵ entre a Bibliografia Material e a Codicologia. A Codicologia é a ciência que estuda os manuscritos, a natureza arqueológica dos livros e que fundamenta os principais métodos e técnicas aplicados ao estudo

¹⁴ Os números correspondem à localização do manuscrito na estante (notação, cota, número de chamada).

¹⁵ Reconhecemos que um caminho para o estabelecimento do enlace entre a Bibliografia Material e a Codicologia é realização da comparação dos métodos de cada disciplina, o que não foi escopo do presente estudo.

dos manuscritos (Araújo, 2017). Ao se ocupar do estudo do manuscrito, a Codicologia, enquanto disciplina instrumental, sistematiza a abordagem:

[...] histórico-filológica que tem o propósito de estudar o manuscrito e, principalmente [...] analisar] o livro manuscrito, em todos os seus aspectos, tanto de um ponto de vista formal e textual [...]

[...] como está a Bibliologia para o estudo do livro impresso em todos os seus muitos aspectos (bibliografia, catalogação, história da tipografia, bibliofilia, etc.), da mesma forma a Codicologia investiga, em todos os seus aspectos, a antecedência histórica, isto é, o livro manuscrito da fase final da Antiguidade e até a Idade Média. (DAIN, 1949, p. 77 apud RUÍZ GARCÍA, 1992, p. 22, tradução nossa).

Dentre seus principais domínios estão a “[...] história dos manuscritos, história das coleções de manuscritos, investigações sobre a instituição que detém a guarda dos manuscritos, problemas de catalogação, de catálogos, comércio dos manuscritos, seu uso e assim por diante.” (DAIN, 1949, p. 77 apud RUÍZ GARCÍA, 1992, p. 21, tradução nossa). Ruiz García (2002) detalha a tarefa codicográfica para a descrição de manuscritos, que se baseia em modelos teóricos que articulam as diversas faces dos manuscritos, que, de modo geral, compreendem a:

- a) descrição externa;
- b) relação e exame das obras transmitidas;
- c) análise codicológica (materialidades);
- d) história do manuscrito;
- e) bibliografia relativa ao exemplar;
- f) exame do texto (análise paleográfica).

Ao se discutir a Codicologia e a Bibliografia Material, a partir das abordagens da Codicologia de Ruiz Garcia (1992), podemos observar o trânsito de transdisciplinaridade entre áreas:

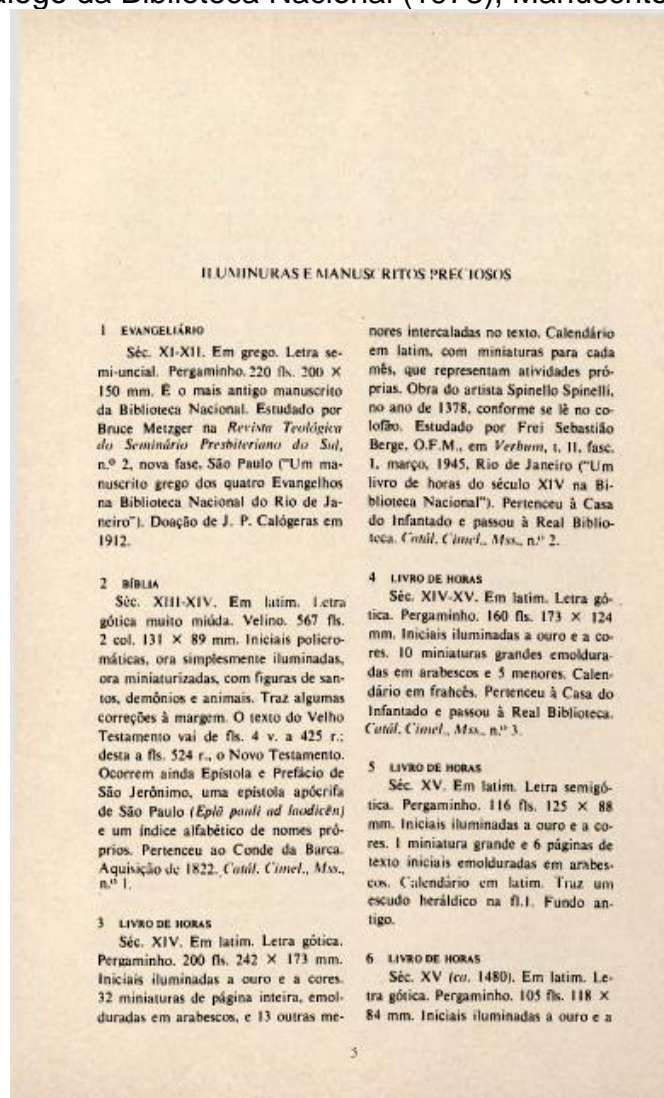
Os manuscritos [...] constituem um ramo da Bibliografia e, por sua escrita, também são patrimônio da Paleografia. Mas é também que “o manuscrito isolado não fala”. O manuscrito revela sua mensagem histórica quando comparado com outras espécimes da mesma proveniência. Esta consideração nos leva a aplicar noções até então próprias ao campo do bibliotecário no mundo da ciência arquivística. (DAIN, 1949, p. 77 apud RUÍZ GARCÍA, 1992, p. 22, tradução nossa).

Sem perder de vista a Codicologia e focados em nosso objetivo de pensar as contribuições da Bibliografia Material aos Livros de Horas a FBN destacamos que algumas questões primordiais devem ser levadas em consideração antes mesmo de se efetuar a elaboração de qualquer descrição bibliográfica, a saber: “[...] para decidir o conteúdo e a quantidade do que está incluído, o bibliógrafo terá que se perguntar repetidamente: qual é o propósito da descrição? Quem precisa de cada um dos detalhes das informações? você pode deletar algo?”. (GASKELL, 1999, p. 402, tradução nossa).

Assim, com o intuito de analisarmos uma tipologia de livros manuscritos – o Livro de Horas – a partir da Bibliografia Material, apresentamos três sistemas para representação descritiva¹⁶ de Livros de Horas da FBN, a partir de três instrumentos distintos produzidos pela instituição, a saber: um catálogo de exposição de preciosidades da Biblioteca, publicado em 1973 (MANUSCRITOS..., 1973); um catálogo descritivo dos Livros de Horas da Biblioteca, publicado em 2016 (FAILLACE, 2016); e o catálogo *online* da Biblioteca (BNDIGITAL, 2020), com registro da descrição de um Livro de horas¹⁷.

O primeiro exemplo de descrição (Figura 1) está no catálogo publicado, em 1973 pela Biblioteca Nacional, sobre manuscritos de seu acervo.

Figura 1 – Catálogo da Biblioteca Nacional (1973), Manuscritos (Séc. XII-XVIII)



Fonte: Manuscritos Séc. XII-XVIII (1973, p. 5).

¹⁶ Para efeitos de ilustração, selecionamos somente um Livro de Horas: o uso de Auxerre (50,1,023), (1480-1490). O intuito é elucidar o tratamento de um mesmo item no processo de representação descritiva.

¹⁷ Consulta realizada no catálogo online em 2020.

Podemos identificar, neste primeiro exemplo, uma lista de obras manuscritas presentes na FBN no ano de 1973 – o catálogo *Exposição permanente dos Cimélios*¹⁸ da *Bibliotheca Nacional*, de 1885. Ao analisar as descrições do catálogo podemos perceber que a listagem se organiza por meio de tipologias de manuscritos, acompanhadas de sua ordenação cronológica do século de sua produção. Há um evidente destaque para temporalidade, idioma, materiais, organização textual, elementos estéticos, proveniência dos exemplares e também aspectos relacionados aos formatos.

As informações indicadas no catálogo podem sugerir que elas podem ter sido as informações fornecidas ao público quando da realização da exposição, em 1885. A representação descritiva de documentos gráficos em exposições tem por objetivo fornecer informações sumárias sobre o objeto e não, necessariamente, refletem a descrição detalhada de uma obra em um catálogo institucional. Para presente abordagem não é possível afirmar como estavam descritos os Livros de Horas da Biblioteca nos instrumentos de gestão do acervo na época (inventários ou fichas de registros, por exemplo)¹⁹. Pelo exposto, é interessante observar que a perspectiva da materialidade dos documentos e a breve indicação temática é uma abordagem presente na descrição do catálogo, contudo, sem a apresentação de uma indicação contextual sobre o documento.

O segundo instrumento selecionado na presente pesquisa é o catálogo elaborado por Faillace²⁰ (2016) sobre oito Livros de Horas manuscritos do Séc. XV da FBN. Este catálogo identifica e descreve quatro livros provenientes da Real Biblioteca Portuguesa e outros quatro, de origem da Livraria do Infantado. Ele é constituído por uma parte histórica do período do Medievo, por explanações sobre os Livros de Horas e pela efetiva descrição da Coleção.

Conforme indica a Figura 2, a descrição dos manuscritos, no catálogo, é mais detalhada e baseada na metodologia descritiva dos princípios da Codicologia, e foi composta de quatro partes (Escritura e decoração; Histórico; Encadernação e Proveniência. Na Figura 2 estão as duas partes iniciais da descrição. A primeira parte dedicada aos modos de transcrição do texto e à decoração e ilustração do manuscrito; e uma segunda parte, denominada como histórica, e que faz indicações sobre possíveis escribas, notas de referenciação e ainda indicações de proveniência. Por sua vez, apesar da perspectiva metodológica da Codicologia, não apresentou

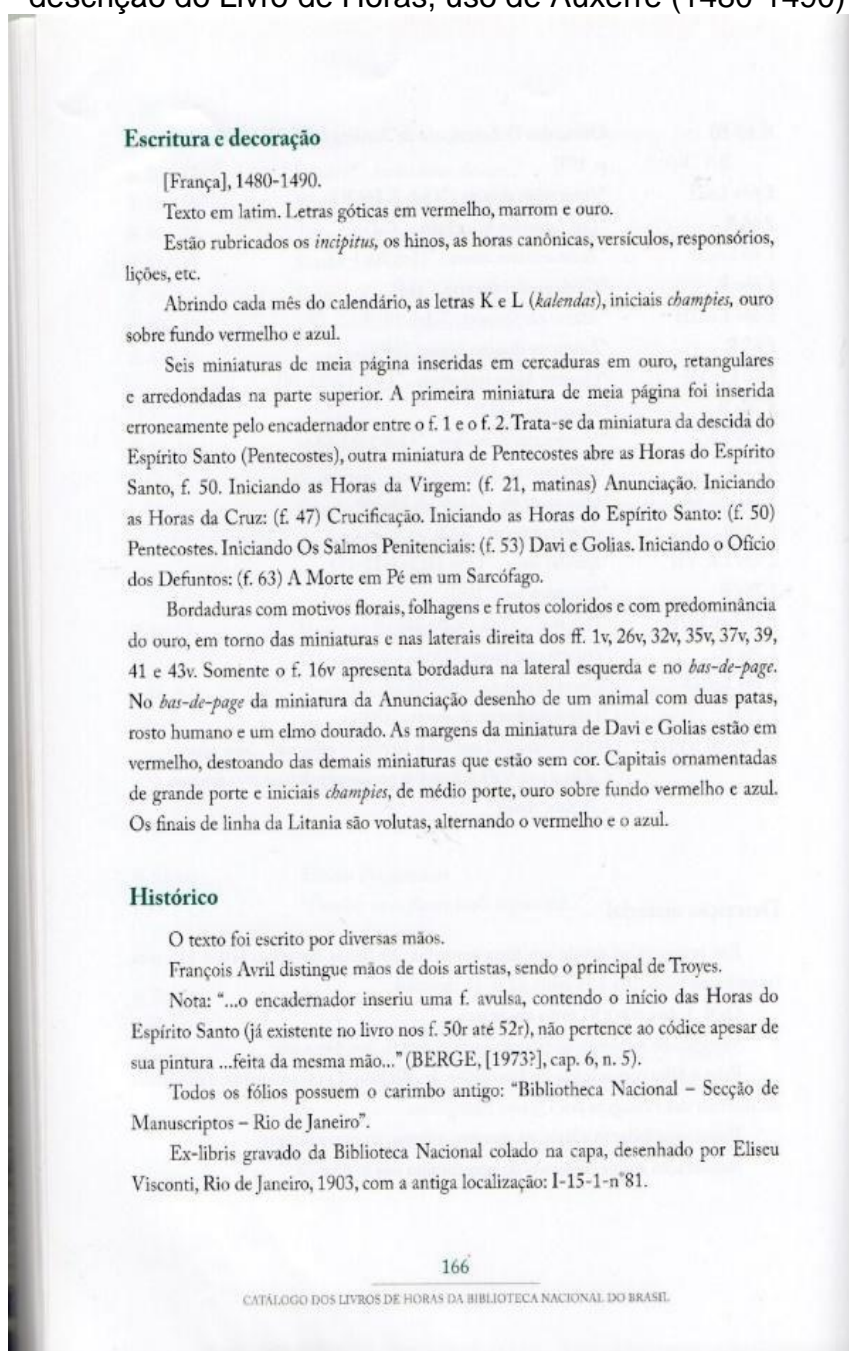
¹⁸ “Obra rara, preciosa, que faz parte do tesouro ou reservados de uma biblioteca particular ou pública. (FARIA & Pericão, 2008, p. 161).

¹⁹ Uma pesquisa nesse sentido exigiria acesso aos documentos internos da instituição. Ação que não foi possível ser ao menos iniciada na Biblioteca devido à pandemia do novo coronavírus em 2019.

²⁰ Atualmente é bibliotecária da Fundação Biblioteca Nacional. Tem experiência na área de livros raros e manuscritos. A elaboração deste catálogo de 2016 foi resultado de pesquisas da dissertação de mestrado da autora.

as técnicas de composição da página (indicação de sistema de referência das operações sucessivas de feitura do livro, que estabelecem as distintas fases de composição do exemplar; representação dos esquemas de linhas e pautados nas páginas). Na parte da Encadernação, apesar da indicação tipológica e algumas indicações sobre as folhas de guarda, não foi realizada a descrição estrutural da encadernação do exemplar. Essas ausências não deixam em menor valor e riqueza a descrição feita no catálogo.


Figura 2 – Catálogo dos Livros de Horas da Biblioteca Nacional do Brasil (2016), descrição do Livro de Horas, uso de Auxerre (1480-1490)



Fonte: Faillace (2016, p. 116).

O terceiro e último exemplo de descrição (Fig. 3) está no registro do Livro de horas na Base de Dados *BNDIGITAL*, realizada pela FBN.

Figura 3 – Registro do Livro de Horas, uso de Auxerre (1480-1490) na Base de Dados *BNDIGITAL*

	Tipo de documento	Manuscrito
	Idioma	Latim
	Número de chamada	
	CDD	264.024
	Loc. original	CF-050,01,023 - Manuscritos
	Título	Livro de horas, uso de Auxerre [Manuscrito]
	Imprensa	França : [s.n.], [entre 1480 e 1490].
	Descrição original	82 ff., enc. : Pergaminho, il. ; 170 x 115 mm (mancha do texto 105 x 75 mm).
	Notas	
	Gerais	Os ff. 1, 46v, 80v e 81 estão em branco. Estão faltando: o fólio com o início do Evangelho de São João e, provavelmente, a miniatura de abertura das Passagens dos Quatro Evangelhos
	Custódia	Biblioteca Nacional (Brasil)
	Idioma	lat
	Sites relacionados	
	PDF	http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1212396/mss1212396.pdf
	HTM	http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1212396/mss1212396.html
	Assuntos	<ol style="list-style-type: none"> 1. Igreja Católica - Orações e devoções 2. Livros de horas - Europa - Séc. XV 3. Catholic Church - Prayers and devotions 4. Books of hours - Europe - 15th century 5. Iluminuras de livros e manuscritos - Europa - Séc. XV 6. Illumination of books and manuscripts - Europe - 15th century 7. Calendário litúrgico - Europa - Séc. XV 8. Church calendar - Europe - 15th century
	Título não controlado	Breviário : livro de horas
	Link do título	http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=23093

Fonte: (BNDIGITAL, 2020, não paginado). Acesso em: 21 jun. 2020.

A descrição no catálogo *online* da FBN evidencia um exercício teórico e metodológico dedicado aos Livros de Horas que está alinhado às atividades de catalogação automatizada da instituição. A descrição está estruturada a partir de campos específicos dentro da estrutura do Formato Marc 21 e também do software usado para a catalogação atual na FBN. O registro do Livro de horas apresentado acima é constituído por sua representação descritiva e temática, abarcando inclusive o uso de vocabulário controlado para definição dos assuntos. As descrições das áreas “Descrição original” e “Gerais” referem-se à descrição material do livro e estão relacionadas, em especial, ao método para conferência da integridade da unidade codicológica do exemplar (a coleção). Possivelmente, por diretrizes presentes na política de descrição de documentos em formato digital da BNDigital.

Nos três trabalhos de descrição apresentados podemos refletir, a partir da Bibliografia Material, sobre os métodos de descrição física para o processo de estudo do livro enquanto objeto material.

A partir dos três exemplos podemos identificar a representação da informação e vislumbrar quais metodologias da Bibliografia Material poderiam subsidiar uma amplitude na descrição dos livros de horas. Nesse sentido, apenas com objetivo de reflexão e não de comparação, reunimos abaixo as faces específicas adotadas para a descrição em cada um dos catálogos:

Tabela 1 – Estruturas privilegiadas para a descrição a Coleção de Livros de Horas na FBN

Catálogo, 1973 (1855)	Faillace (2016)	Base de dados BN (2020)
01 Período	01 Texto	01 Tipo do documento
02 Idioma	02 Descrição material	02 Idioma
03 Escritura	03 Escritura	03 Número de chamada
04 Encadernação	04 Decoração	04 Classificação Decimal de Dewey
05 Descrição material	05 Histórico	05 Localização original
06 Proveniência	06 Encadernação	06 Título
	07 Proveniência	07 Imprensa
		08 Descrição Física
		09 Anotações gerais
		10 Custódia
		11 Assuntos
		12 Descrição complementar do material

Fonte: Elaborado pelos autores, 2021.

Os três catálogos foram produzidos em momentos e escopos específicos, contudo têm em comum os manuscritos medievais da FBN. Cada uma das faces privilegiadas para compor a descrição demonstram as escolhas e os métodos adotados para a representação descritiva dos Livros de Horas da Instituição. Nos três distintos momentos de produção dos catálogos a descrição material está presente. Apenas em Faillace (2016) é evidente o método codicográfico na descrição. Podemos inferir que o método bibliográfico, baseado em normas e regras do campo, foram referenciais para a descrição nos catálogos produzidos em 1973 e 2020.

Um estudo sobre a evolução dos instrumentos normativos para a representação de documentos manuscritos, em termos de instrumentos e procedimentos para representação, podem ser avaliados a partir de Zur (1963), Manuscripts (1973), Bohigas (1977), Ruíz Garcia (2002), Descriptive (2007), entretanto esse não foi o escopo do presente trabalho. Ainda sobre pesquisas relacionadas à descrição de manuscritos em bibliotecas nacionais, a partir da metodologia da Codicologia, podem ser citados os trabalhos de Rodrigues (2016) Salgado e Ruelas & Saldaña Torres (2016).

Correlacionando ao problema que sustenta este estudo, quais são alguns dos aspectos da Bibliografia Material que podem contribuir para os estudos (análise e descrição) dos Livros Horas da FBN? Inicialmente poderiam ser adotados os métodos de descrição para transcrição da organização material do manuscrito (composição de cadernos, ordenação, sistemas

de ordenação do texto – paginação e foliação); estruturação das descrições das encadernações; métodos para indicação de formatos; proposição de protocolos de descrição por tipologias de manuscritos (inclusive com indicação de elementos essenciais para colação²¹. As possibilidades que os métodos da Bibliografia Material apresentam para identificar as práticas dos produtores do livro também são importantes e poderiam ser adotadas.

Ora, no caso estudado, e com base nas contribuições que a Bibliografia Material oferece para a descrição dos Livros de Horas da FBN, consideramos que é possível refletir sobre uma coexistência das metodologias das disciplinas Codicologia e Bibliografia Material. Afinal, a Codicologia também apresenta métodos para as análises e descrições de formatos e demais elementos que citamos acima. Avaliar o uso conjugado de métodos de descrição para os Livros de Horas da FBN é uma proposta que exigirá mais pesquisas, que seriam importantes para a descrição das obras e, sobretudo, uma contribuição singular para o campo da Biblioteconomia brasileira.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observando o nosso objeto de investigação, pudemos expandir a forma de tratamento documental da Coleção de Livro de Horas da FBN e, ainda, de forma preliminar, discorrer sobre alguns aspectos à luz da Bibliografia Material.

As abordagens trazidas por autores do campo da Bibliografia Material (tais como BOWERS, 1962; GASKELL, 1999 e HARMON, 1981) defendem o aprofundamento no estudo da materialidade do livro, o que envolve observação rigorosa tanto dos métodos que compõem a sua elaboração quanto das marcas que compõem os seus usos sociais. A continuidade das pesquisas sobre os Livros de Horas da FBN, a partir das abordagens teóricas e práticas da Bibliografia Material, pode auxiliar, por exemplo, na delimitação, com mais exatidão, do contexto e do local de fabricação dos exemplares, bem como para a constituição de descrições sistematizadas que podem ser associadas às propostas da Codicologia.

Neste estudo, percebemos elementos convergentes e complementares entre a Bibliografia Material e a Codicologia quanto ao estudo da materialidade do livro, seja ele manuscrito ou impresso. Todavia, entendemos que o estudo em questão lidou com uma coleção de manuscritos medievais que apresenta, naturalmente, elementos característicos da história do livro medieval, a exemplo das intervenções dos copistas, miniaturistas, iluministas, dentre outros.

²¹ “Comparação ou cotejo de exemplares manuscritos ou impressos feita com vista a assegurar a sua conformidade total.” (FARIA & PERICÃO, 2008, p. 175).

O objetivo não foi comparar elementos de origem manuscrita aos elementos de origem impressa, como as intervenções entre copistas x tipógrafos e dinâmica manuscrita x dinâmica tipográfica. O intuito foi tão somente dilatar o escopo da Bibliografia Material para além do impresso, ainda que seja uma vertente da Bibliografia que emerge da experiência do impresso.

Considerando o objetivo e o problema que conduziu este estudo, identificamos e concluímos que a Bibliografia Material contribui para observação mais apurada das seguintes perspectivas que envolvem os Livros de Horas da FBN:

- a) elementos da História do Livro (na sua dimensão social e cultural);
- b) elementos da produção do livro;
- c) elementos referentes à descrição dos aspectos gráficos e materiais da edição;
- d) elementos referentes à descrição dos aspectos formais do exemplar.

Os elementos de História do Livro devem ser considerados, na medida em que para desenvolver o trabalho bibliográfico de forma contextual é preciso reconstituir a trajetória do livro, compreender a sua origem e a sua circulação na sociedade.

Quanto aos elementos de produção do livro, especificamente voltados ao Livro de Horas, deve-se considerar aqueles decorrentes das atividades dos copistas, iluministas, miniaturistas e encadernadores. Ao lado dos elementos de produção, é importante considerar: a) os aspectos gráficos – a tipologia da escrita, os componentes técnicos e estéticos para sua produção; e b) os aspectos das técnicas e dos materiais para a produção do manuscrito – os suportes, as tintas, os instrumentos, as correntes estéticas que definem as escolhas técnicas.

Os aspectos formais do exemplar constituem um elemento propositivo da Bibliografia Material que pode estar voltado ao manuscrito, uma vez que são estes os elementos que indicarão os usos sociais e as dinâmicas de circulação e apropriação do item a partir, por exemplo, de suas marcas de proveniência.

A Bibliografia Material face aos Livros de Horas da FBN é um método, um instrumento, uma disciplina, um horizonte possível e, acima de tudo, uma lupa para se observar, anatomizar, conhecer, preservar e difundir estes manuscritos de fé em nosso país.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Andre Vieira de Freitas. **Sobre a eminência e o eco da Bibliografia: nos rastros do método bibliográfico gesneriano e dos fundamentos do campo**. 2018. Tese (Doutorado em Cultura e Informação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo: São Paulo, 2018. Disponível em : <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-13092018-144446/pt-br.php>. Acesso em: 25 maio 2020.

- ARAÚJO, Diná Marques Pereira. **Bibliofilia e livros raros na perspectiva histórico-cultural: uma abordagem crítica às visões instituídas na biblioteconomia e ciência da informação brasileira.** 2017. 214 f., Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação.
- ARAÚJO, Diná Marques Pereira; DOS REIS, Alcenir Soares. Bibliotecas, Bibliofilia e Bibliografia: alguns apontamentos. **Revista de Ciência da Informação e Documentação.** Universidade de São Paulo: v. 7, p. 183-201, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/incid/article/view/118770> . Acesso em: 02 set. 2019.
- BELO, André. **História & Livro e Leitura.** Belo Horizonte: Autêntica, (Histórias &...reflexões,3), 2002.
- BNDIGITAL. 2020. *Online.* Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/acervodigital/>. Acesso em: 21 jun. 2020.
- BOHIGAS, P. Normas para a descrição codicológica dos manuscritos. **Cadernos BAD** (Portugual), n. 1, 1977. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/139586>. Acesso em: 11 out. 2020.
- BOHIGAS, P. Normas para a descrição codicológica dos manuscritos. **Cadernos BAD** (Portugual), n. 1, 1977. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/139586>. Acesso em: 10 out. 2020.
- BOWERS, Fredson. **Principles of Bibliographical Description.** New York: Russell & Russell, 1962.
- CAPACCIONI, A. Mapas y memorias: apostillas a una historia de la Bibliografía. **Documentación de las Ciencias de la Información**, Madrid, v. 29, p. 09-24, 2006.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações.** Lisboa: DIFEL, 1990.
- CHARTIER, Roger. Mistério estético e materialidades da escrita. In: _____. **Inscrever e apagar: cultura escrita e literatura (séculos XI-XVIII).** São Paulo: Ed. Unesp, 2007. p.9-22.
- CRIPPA, G. Cassiodoro e as instituciones divinarum litterarum como fonte histórica para a discussão sobre práticas bibliográficas e organização do conhecimento. **Informação & Informação**, v. 20, n. 2, p. 86-117, 2015. DOI: 10.5433/1981-8920.2015v20n2p86 Acesso em: 11 out. 2021.
- DARNTON, Robert. A importância de ser bibliográfico. In: _____. **A questão dos livros.** São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 146-163.
- DESCRIPTIVE cataloging of rare materials (books). Washington, D.C.: Cataloging Distribution Service, 2007. 239 p.
- DO MONTE, Vanessa Martins. Uma descrição codicológica: documentos setecentistas. **Filologia e Linguística Portuguesa.** Universidade de São Paulo: n. 10-11, p. 103-120, 2009. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59818>. Acesso em: 20 set. 2020.
- DONDI, Cristina. **Printed Books of Hours from fifteenth-fentury Italy: the Texts, the books, and the survival of a long-lasting genre.** Florence: Olschki. 2016.
- FAILLACE, Vera Lúcia Miranda. **Catálogo dos Livros de Horas da Biblioteca Nacional do Brasil.** Rio de Janeiro: FBN, Coordenadoria de Editoração, 2016.
- FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça. **Dicionário do livro: da escrita ao livro eletrônico.** São Paulo: EDUSP, 2008.
- FISHER, Steven Roger. **História da leitura.** São Paulo: Unesp, 2006.
- GASKELL, Philip. **A New Introduction to Bibliography.** [S.l.]: Oak Knoll, 1995.
- GASKELL, Philip. **Nueva introducción a la bibliografía material.** [S.l.]: Ediciones Trea, 1999.
- GREG, W. W. Bibliography: a apologia. **Transactions of the Bibliographical Society**, 1932-1933, p. 113-143.
- GREG, W. W. Bibliography: a retrospect. In: _____. **The bibliographical society: 1892-1942,** Bibliographical Society, 1945.
- HARMON, Robert Bartlett. **Elements of bibliography: a simplified approach.** London: Scarecrow Pr, 1981.

KIRSOP, W. Bibliographie matérielle. In: FOUCHÉ, P.; PÉCHOIN, P.; SHUWER, P. (Dir.) **Dictionnaire encyclopédique du livre**. Paris: Éditions du Cercle de la Librairie, 2002, v.1, p. 275-276.

LIMA, Juliana Fernanda Colaço de. **Manuscritos da fé sob uma lupa**: aspectos da bibliografia material face à coleção de livros de horas da Fundação Biblioteca Nacional (Brasil). 2020. 100 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação) – Faculdade de Administração e Ciências Contábeis, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

MANUSCRIPTS, a Marc format. Washington: Library of Congress, 1973. 47 p.

MANUSCRITOS, Séc. XII-XVIII: pergaminhos iluminados e documentos preciosos. Catálogo de exposição. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1973.

MCKENZIE, Donald Francis. **Bibliografia e a Sociologia dos textos**. São Paulo: Edusp, 2018.

PEDRAZA GARCIA, Manuel José; CLEMENTE SAN ROMÁN, Yolanda; REYES GÓMEZ, Fermín de los. **El libro antiguo**. Madrid: Síntesis, 2003. 478 p.

REYES GÓMEZ, F. El libro moderno desde la bibliografía material y la biblioteconomía. **Ayer**: revista de historia contemporánea, Madrid, v. 58, n. 2, p. 35-56, 2005.

REYES GÓMEZ, Fermín de los. **Manual de bibliografía**. Madrid: Catalia, 2010.

RIBEIRO, Ana Elisa. O bibliógrafo digital: questões sobre a materialidade do livro no século XXI. **Perspectivas em Ciência da Informação** (on line), v. 22, p. 120-130, 2017.

RODRIGUES, Ubirajara Alencar. Codicologia, história e cultura. **ETD – Educ. Temat. Digit.** Campinas, SP, v.18, n. 3, p. 614-627, jul./set. 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.20396/etd.v18i3.8641656>. Acesso em 20 set. 2020.

RUÍZ GARCÍA, Elisa. **Hacia una semiología de la escritura**. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez; Pirámide, 1992.

RUIZ GARCIA, Elisa. **Introducción a la codicología**. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 2002.

SALGADO RUELAS, Silvia; SALDAÑA TORRES, Tonantzin Stephani. **Libro de horas de la Biblioteca Nacional de Mexico**. Mexico: Secretaria de Educacion del Gobierno del Estado de México, 2016.

SERRAI, Alfredo. **Storia della Bibliografia**. Roma: Bulzoni, 1988-2001. 11 v. em 13 tomos. Títulos dos volumes: I. Bibliografia e Cabala. Le enciclopedie rinascimentali (1); – II. Le enciclopedie rinascimentali (2). Bibliografi universali; – III. Vicende e ammaestramenti della 'Historia literaria'; – IV. Cataloghi a stampa. Bibliografie teologiche. Bibliografie filosofiche. Antonio Possevino; – V. Trattatistica biblioteconomica; – VI. La maturità disciplinare. Con indice dei volumi I-VI; – VII. Storia e critica della catalogazione bibliografica; – VIII. Sistemi e tassonomie; – IX. Manualistica, didattica e riforme nel sec. XVIII; – X/1-2. Specializzazione e pragmatismo: i nuovi cardini della attività bibliografica. – XI/1-2. Indici volumi I-X.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Sobre a longa viagem da biblioteca dos reis. In: DUTRA, Eliana Regina de Freitas; MOLLIER, Jean-Yves. **Política, nação e edição**: o lugar dos impressos na construção da vida política: Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII-XX. São Paulo: Annablume, 2006. p. 11-45.

STOKES, Roy. **The function of bibliography**. Second edition. Aldershot: [s.n.], 1982.

VARRY, Domeniqui. **Qu'est-ce que la bibliographie matérielle ?**. Paris, 2011. Disponível em: <http://dominique-varry.enssib.fr/node/31>. Acesso em 12 out. 2019.

WIECK, Roger S. **Time sanctified**: the book of hours in medieval art and life. 2. ed. New York: George Braziller; Baltimore: The Walters Art Museum, 2001.

ZUR Katalogisierung Mittelalterlicher und neuerer Handschriften, Herausgegeben van Clemens Kottelwech. Frankfurt am Main : V.Klostermann, 1963. 191 p.